

Os Maias

RESUMOS

HÉLDER RIBEIRO E JULIANA MARTINS

ESCOLA SECUNDARIA CAMILO CASTELO BRANCO

Índice geral

Resumo por capítulos.....	1
Capítulo I	1
Capítulo II	2
Capítulo III	2
Capítulo IV	3
Capítulo V	3
Capítulo VI	4
Capítulo VII	5
Capítulo VIII	5
Capítulo IX	6
Capítulo X	7
Capítulo XI	8
Capítulo XII	8
Capítulo XIII	9
Capítulo XIV	9
Capítulo XV	10
Capítulo XVI	11
Capítulo XVII	12
Capítulo XVIII	12
Personagens	14
Síntese personagens e espaços.....	30

Índice de imagens

Figura 1 – Pedro da Maia	14
Figura 2 – Maria Monforte	15
Figura 3 - Tancredo.....	15
Figura 4 – Afonso da Maia.....	16
Figura 5 – Maria Eduarda	17
Figura 6 – Carlos da Maia	18
Figura 7 - Joaquim Álvares de Castro Gomes	19
Figura 8 – João da Ega	21

Índice de tabelas

Tabela 1 - Resumo personagens e espaços.....	30
--	----

Resumo por capítulos

Capítulo I

A história de “Os Maias” começa no outono de 1875 quando Afonso da Maia se instala numa das casas da família, o Ramalhete. Durante vários anos esteve desabitada e servia apenas para guardar as mobílias do palacete de Benfica, que fora vendido. Carlos, neto de Afonso é a única família que lhe restava, tinha acabado o curso de Medicina em Coimbra nesse ano e queria abrir um consultório em Lisboa, razão pela qual Afonso decidiu deixar Santa Olávia, a sua quinta no norte do país, e acompanhar o neto para Lisboa. Afonso da Maia, agora velho e calmo, fora um jovem apoiante do Liberalismo, ao contrário do seu pai, um Absolutista. Por esta razão, Afonso foi expulso de casa, mas, por influência de sua mãe, foi-lhe oferecida a Quinta de Santa Olávia. Alguns anos depois, Afonso partiu para Inglaterra, onde esteve algum tempo, mas de onde teve que voltar devido à morte do seu pai. Foi então que conheceu a mulher com quem viria a casar, D. Maria Eduarda Runa, de quem teve um filho e com quem partiria para o exílio, de volta a Inglaterra. Porém, D. Maria Eduarda, mulher de fraca saúde e católica devota, não se habituou à falta do sol quente que tinha em Lisboa nem ao Protestantismo. Assim, ordenou a um bispo português que viesse educar o seu filho, Pedro, já que não consentia que o seu filho fosse educado por um inglês, muito menos num colégio protestante. Por isso, apesar de Afonso se tentar impor, Pedro cresceu frágil, medroso e excessivamente mimado pela mãe. Algum tempo depois, a doença de D. Maria Eduarda agravou-se e a família voltou para Lisboa, onde ela acabou por morrer, causando um enorme desgosto no seu filho Pedro. Um dia, Pedro, recuperado do luto, apaixonou-se por Maria Monforte, uma mulher muito bela e elegante, filha de um negreiro. Por causa disto, Afonso da Maia opôs-se fortemente à relação do seu filho com Maria Monforte, mas, apesar disso, eles casaram-se às escondidas e partiram para Itália, deixando Afonso sozinho e desgostoso com a atitude do seu filho, cujo nome não foi pronunciado durante muitos anos naquela casa.

Capítulo II

Pedro e Maria casam às escondidas, sem o consentimento de Afonso da Maia e partem para Itália. Porém, a mulher suspirava por Paris, para onde se mudaram pouco tempo depois, até Maria aparecer grávida. Nessa altura resolveram voltar para Lisboa, mas não sem antes escreverem a Afonso, pai de Pedro, anunciando a sua partida e o nascimento do seu primeiro neto, na esperança de que ele os perdoasse e os recebesse como família. Contudo, quando chegaram a Lisboa, ficaram a saber que Afonso tinha voltado para Santa Olávia, a sua quinta no norte do país, no dia anterior.

Assim, o tempo passou e Maria Eduarda, filha do casal, nasceu. Pedro não informou o seu pai do nascimento da filha, por estar ainda magoado com a atitude dele, mas, quando o seu segundo filho nasce, põe a hipótese de se conciliar com o pai e resolve ir a Santa Olávia apresentar-lhe os netos. Contudo, esta visita foi adiada porque Pedro, numa caçada com os amigos, feriu acidentalmente um italiano, o Tancredo, que tinha sido condenado à morte e andava fugido. Por isso, Tancredo ficou a restabelecer-se durante muito tempo em casa de Pedro e Maria – tempo suficiente para Maria o conhecer, e se apaixonarem sem ninguém ter conhecimento, até ao dia em que Pedro descobre que ambos fugiram, levando com eles a sua filha, Maria Eduarda.

Pedro decide então procurar consolo junto do pai, que o acolheu, assim como ao seu neto, Carlos, na casa de Benfica, para onde se tinha mudado, entretanto. Porém, nesse mesmo dia, Pedro suicida-se ao saber que a mulher o tinha deixado para ir viver com o napolitano e Afonso decide fechar a casa de Benfica, vendê-la e muda-se com o seu neto, Carlos, para a quinta de Santa Olávia.

Capítulo III

A infância de Carlos é passada em Santa Olávia, e é descrito um episódio onde se dá uma visita de Vilaça, o procurador dos Maias, à quinta. Descreve-se a educação liberal de Carlos, com um professor inglês que dá primazia ao exercício físico e as regras duras que Afonso impõe ao neto. Também ficamos a conhecer os Silveiras: Teresinha, a primeira namorada de Carlos, a sua mãe e sua tia, e o seu irmão Eusebiozinho, o oposto de Carlos, muito frágil, tímido, medroso e estudioso. É sobretudo um capítulo de

contraste entre as educações tradicional (Eusebiozinho) e à inglesa (Carlos). Vilaça dá notícias de Maria Monforte e de sua filha a Afonso, e segundo ele a sua neta morrera em Londres. Vilaça morre, o seu filho substitui-o como procurador da família. Alguns anos depois Carlos faz exame triunfal de candidatura à universidade.

Capítulo IV

Carlos descobre a sua vocação para Medicina e matricula-se com alegria na Universidade de Coimbra. Para que os seus estudos sejam mais sossegados, Afonso oferece ao neto uma casa em Celas, onde este, pelo contrário, exerce um tipo de vida quase boémio, sempre rodeado de amigos com ideias filosóficas e liberais. É sobretudo chegado a João da Ega, que estudava direito e era sobrinho de André da Ega, amigo de infância de Afonso. Pela altura da formatura de Carlos, deu-se uma grande festa na sua casa de Celas, depois da qual este partiu para uma viagem de um ano pela Europa. Ao fim desse tempo, Afonso esperava-o no Ramalhete, onde se iriam instalar (fim da grande analepse). Carlos tencionava montar um consultório e um laboratório em Lisboa, vontades que depressa satisfez com a ajuda do avô: o laboratório foi montado num velho armazém, e o consultório num primeiro andar em pleno Rossio. Carlos recebeu com alegria a visita do seu amigo Ega, que lhe anunciou que ia publicar o livro que andava a escrever havia já alguns anos – “Memórias de um Átomo” – que todos os que tinham ouvido falar esperavam com impaciência. Esse livro falava da história de vida de um átomo, que viveu desde o início da Terra até aos tempos de hoje.

Capítulo V

Este capítulo inicia-se com uma festa no escritório de Afonso, no Ramalhete, que contava com a presença de D. Diogo, do general Sequeira, do Cruges, do Eusébio Silveira e do Conde Steinbroken. Todos sentiam a falta de Ega, pois ninguém o via há já vários dias. Entretanto, o negócio na clínica de Carlos já começara a ter alguma popularidade, devido ao seu sucesso com o caso da Marcelina (a mulher do padeiro que tivera às portas da morte). Mais tarde, Carlos finalmente encontra Ega e é desvendado o mistério do seu desaparecimento: estava apaixonado por Raquel Cohen, que era, infelizmente,

casada. Durante uma conversa entre Carlos e Ega, Ega propõe a Carlos conhecer a família Gouvarinho. Carlos aceita. Após a um encontro com estes amigos de Ega, Carlos não parava de pensar na Condessa Gouvarinho. Estava apaixonado. Este capítulo acaba com uma ida de Carlos com a família Gouvarinho à ópera, e durante esta ocasião, a condessa mostra-se interessada em Carlos.

Capítulo VI

Carlos pretende fazer uma visita surpresa a Ega, na Vila Balzac, casa que este comprara, mas tem muitas dificuldades em encontrar a sua casa. E quando finalmente chega ao local, não estava ninguém em casa para o receber. Depois ao encontrar Ega, dias mais tarde, este mostra-se indignado com o sucedido e combinam uma visita na sua casa. Carlos foi muito bem recebido, com o pajem à porta, muito champanhe e Ega mostra-lhe a sua casa. Muito exuberante e decorado tal e qual o temperamento do proprietário. Ega convida-se para jantar com Carlos e quando se prepara para sair, falam sobre a Gouvarinho e sobre o súbito desinteresse de Carlos pela senhora, após uma grande atração. Esta atitude de Carlos para com as mulheres, era frequente e os dois conversam sobre o assunto. Na ida para o jantar, cruzam-se com Craft, amigo de Ega. Ega apresenta Carlos ao amigo. Combinam jantar no dia seguinte no Hotel Central. Ega faz questão que os dois amigos se conheçam melhor. Após alguns contratempos, Ega consegue marcar o jantar no Hotel Central com Carlos, Craft, Alencar, Dâmaso e Cohen (banqueiro e marido da sua amante), a quem Ega fez questão de homenagear, com um dos pratos: “Petits pois à la Cohen”. Discutiram vários temas ao longo do jantar como a literatura e as suas críticas, as finanças, e a história da política em Portugal naquele momento. O jantar acaba e Alencar acompanha Carlos a casa, lamentando-se da vida, do abandono por parte dos amigos e falando-lhe de seu pai, de sua mãe e do passado. Carlos recorda como soubera a história dos seus pais: a mãe fugira com um estrangeiro levando a irmã, que morrera depois, o pai suicidara-se. Carlos, já em casa, antes de adormecer e enquanto aguarda um chá, sonha com a mulher deslumbrante, uma deusa, com quem se cruzou à porta do Hotel Central, enquanto aguardava com Craft os restantes amigos para o jantar.

Capítulo VII

Depois do almoço, Afonso e Craft jogam uma partida de xadrez. Carlos tem poucos doentes e vai trabalhando no seu livro. Dâmaso à semelhança de Craft, torna-se íntimo da casa dos Maias, seguindo Carlos para todo o lado e procurando imitá-lo. Ega anda ocupado com a organização de um baile de máscaras na casa dos Cohen. Carlos, na companhia de Steinbroken em direção ao Aterro, vê, pela segunda vez, Maria Eduarda acompanhada do marido. Carlos desloca-se várias vezes, durante a semana, ao Aterro na esperança de ver novamente Maria Eduarda. A condessa Gouvarinho, com a desculpa que a filha se encontrava doente, procura Carlos no consultório. Ao serão no Ramalhete, joga-se dominó, ouve-se música e conversa-se. Carlos convida Cruges a ir a Sintra no dia seguinte, pois tomara conhecimento, por intermédio de Taveira, que Maria Eduarda aí se encontrava na companhia de seu marido e de Dâmaso.

Capítulo VIII

Neste capítulo, Carlos da Maia e o seu amigo, o maestro Cruges, vão visitar Sintra. A ideia é de Carlos que obriga Cruges a ir com ele. Cruges, que já não visitava Sintra desde os 9 anos, acaba por ficar rendido à ideia e prepara-se para desfrutar do passeio. Esta viagem tem o propósito escondido por Carlos, de procurar um encontro fortuito com Sra. Castro Gomes, que ele julgava em Sintra. Após algumas horas de viagem de break, chegam a Sintra e logo se vão instalar no Hotel Nunes, por sugestão de Carlos, que temeu que ao instalarem-se no Lawrence's Hotel, se cruzassem de imediato com os Castro Gomes, perdendo o seu encontro aquele efeito de casualidade que ele lhe procurava empregar. Aí encontram o amigo Eusebiozinho, acompanhado por um amigo, Palma, e duas senhoras espanholas, acompanhantes de ambos. Após um pequeno episódio cómico, em que uma das espanholas se enfureceu, Carlos e Cruges, partem num pequeno passeio pedestre para visitar Seteais. Pelo caminho encontram outro amigo, Alencar, o poeta, vindo justamente de Seteais, mas que fez questão de os acompanhar lá, fazendo aquele caminho pela segunda vez nesse dia. Chegados a Seteais, Cruges, que não conhecia o local, ficou desapontado quando verificou o estado

de abandono em que se encontrava a construção. Depressa Alencar o fez pensar doutro modo, ao apontar-lhe os pormenores do local e a beleza da vista. De volta ao casario, passaram pelo Lawrence e foram ver, por breves instantes, o Paço e o seu Palácio, após o que voltaram ao e se sentaram a tomar um cognac. Carlos já informado sobre o destino dos Castro Gomes, que haviam deixado Sintra na véspera, decide voltar para Lisboa. Resolveram jantar no Lawrence, para evitarem o amigo Eusebiozinho e sua trupe. No entanto, como tiveram de ir ao Nunes para pagar a conta, lá acabaram por encontrar o amigo de quem depressa se despediram. De volta ao Lawrence, onde Alencar os esperava para o jantar especial de bacalhau, preparado pelo próprio, mercê de especial favor da cozinheira, iniciaram-se no belo repasto, que só acabou já passava das oito. Depois do jantar lá se sentaram no break de volta a Lisboa, dando boleia a Alencar que também estava de partida.

Capítulo IX

Já no Ramalhete, no final da semana, Carlos recebe uma carta a convidá-lo a jantar no Sábado seguinte nos Gouvarinhos; entretanto, chega Ega, preocupado em arranjar uma espada conveniente para o fato que leva nessa noite ao baile dos Cohen. Dâmaso também aparece de repente, pedindo a Carlos para ver um doente "daquela gente brasileira", os Castro Gomes - a menina Rosa. Os pais tinham partido essa manhã para Queluz. Ao chegar ao Hotel, Carlos verifica que a pequena já estava ótima. Carlos dá uma receita a Miss Sara, a governanta.

Ega vai ao Ramalhete pedir emprestado uma espada para a sua máscara para a festa na Casa dos Cohen em honra dos anos de Raquel. Às 10 horas da noite, ao preparar-se para o baile de máscaras, aparece Ega (mascarado de Mefistófeles), dizendo que o Cohen o expulsara (ao que parece, descobrira o caso de Raquel e Ega), e Ega quer desafiar o Cohen num duelo, mas Carlos e Craft desmotivam-no. No dia seguinte, nada acontece, exceto a vinda da criada de Raquel Cohen, anunciando que ela tinha sido espancada pelo seu marido e que partiam para Inglaterra, deixando Portugal. Ega dorme nessa noite no Ramalhete e decide deixar Lisboa.

Na semana seguinte, só se ouve falar do Ega e do mau carácter que ele é. "Todos caem-lhe em cima", pois para além disto, só lhe acontecem desgraças. Carlos vai progressivamente ficando íntimo dos condes de Gouvarinho. Visita a Gouvarinho e dá-lhe um tremendo beijo, mesmo antes da chegada do conde Gouvarinho.

Capítulo X

Passam-se 3 semanas. Carlos sai de um coupé, onde acabara de estar com a Gouvarinho, mas já estava farto dela e dos seus encontros às escondidas, e quer ver-se livre da Gouvarinho. Nessa altura vê Rosa a acenar de um coupé com a sua mãe, que lhe sorri. Combina com o Dâmaso, no Ramalhete, levar os Castro Gomes a ver o bricabraque do Craft, nos Olivais, mas isto não se concretiza, pois, o Sr. Castro Gomes partira para o Brasil em negócios. Chega o dia das corridas de cavalos e há uma grande confusão à porta do hipódromo. É descrito o ambiente dentro do hipódromo. Depois há uma grande confusão com um dos jóqueis que perdera uma corrida. E anda tudo á briga, num rebuliço total! Lá nas corridas, encontra a Gouvarinho, que lhe propõe irem de comboio até Santarém, uma vez que ela ia para o Porto (pois o seu pai estava mal), e dormiam no hotel em Santarém (uma "rapidinha"), e daí cada um seguia para o seu lado. Depois, fazem-se apostas; todos apostam em Minhoto, mas Carlos aposta em Vladimiro, que vence e Carlos ganha 12 libras, facto muito comentado. Encontra Dâmaso, que lhe informa que o Castro Gomes afinal tinha ido para o Brasil e deixara a mulher só por uns 3 meses – Carlos fica todo contente. Discute com a Gouvarinho, mas acaba por aceder ao desejo do encontro em Santarém, mas agora apenas consegue pensar na mulher de Castro Gomes. Ao descobrir que ela vivia no prédio de Cruges, pois alugara a casa à mãe do Cruges, proprietária do prédio, Carlos vai à rua de São Francisco com o pretexto de visitar o Cruges, mas ele não estava. Volta para o Ramalhete e lá descobre que tinha uma carta da Castro Gomes pedindo-lhe que a visite no dia seguinte, por ter "uma pessoa de família, que se achava incomodada". Carlos fica todo contente.

Capítulo XI

Carlos vai visitar a Sra. Castro Gomes, e descobre o seu nome, Maria Eduarda (descrição de Maria Eduarda - uma deusa). É a governanta, Miss Sara, que estava doente - tinha uma bronquite. Carlos conversa com Maria Eduarda, passa-lhe a receita e diz-lhe quais os cuidados que deve ter com Sara, dizendo que terá de observá-la diariamente.

Nessa noite Carlos iria ter com a Sra. Gouvarinho para a fantástica noite em Santarém, mas Carlos começava a repudiá-la, a odiá-la. Por sorte, o Gouvarinho decidiu à última da hora ir com a mulher para o Porto, o que convém muito a Carlos, assim como a morte de um tio de Dâmaso em Penafiel, deixando-lhes os "entraves" fora de Lisboa.

Nas semanas seguintes, Carlos vai-se familiarizando com Maria Eduarda, graças à doença de Miss Sara. Falam ambos das suas vidas e dos seus conhecidos. Dâmaso volta de Penafiel e vai visitar Maria Eduarda. Ao chegar lá vê Carlos com "Niniche" (a cadela de Maria) ao colo, que lhe rosna e ladra - Dâmaso fica zangado e cheio de ciúmes. Os Cohen regressam de Inglaterra e Ega está para chegar de Celorico.

Capítulo XII

Ega chega de Celorico e instala-se no Ramalhete. Informa Carlos de que viera com a Gouvarinho, e de que o conde os convidara para jantar na próxima 2ª feira. Depois, nesse jantar, a Gouvarinho zangada com Carlos e com ciúmes da sua proximidade com Maria Eduarda, passa o tempo a mandar-lhe indiretas. O clima suaviza-se durante o jantar, devido aos ditos irreverentes do Ega. De seguida, a pretexto de um mal-estar de Charlie (filho dos Gouvarinho), a Teresa beija Carlos nos aposentos interiores, como que se reconciliando e perdoa-lhe.

Na 3ª feira, depois de um encontro escaldante com a Gouvarinho na casa da sua titi, Carlos chega atrasado à casa de Maria Eduarda. No meio da conversa, Domingos anuncia Dâmaso e Maria Eduarda recusa-se a recebê-lo - Dâmaso fica furioso. Maria fala a Carlos sobre uma possível mudança de casa (e ele pensa logo na casa do Craft, decidindo comprá-la para ela). Carlos deixa escapar que a "adora" depois de uma troca de olhares, beijam-se. Na 4ª feira, Carlos conclui o negócio da casa com o Craft. Maria

Eduarda fica um pouco renitente com a pressa de tudo, mas acaba concordando, com um novo beijo.

Ega, mostra-se insultado pelo segredo que Carlos faz de tudo, mas este acaba por lhe contar que se apaixonou e envolveu com Maria Eduarda.

Capítulo XIII

Ega informa a Carlos de que Dâmaso anda a difamá-lo a ele e a Maria Eduarda. Carlos fica furioso, querendo matá-lo e ao encontrá-lo na rua, ameaça-o. Depois, faz os preparativos para a mudança de Maria Eduarda para os Olivais.

No sábado, Maria Eduarda visita a sua nova casa nos Olivais (descrição da casa e das suas belas coleções). Depois da visita e do almoço, Carlos e Maria Eduarda envolvem-se.

No domingo é o aniversário de Afonso da Maia, e todos os amigos da casa estão presentes. Descobre-se que Dâmaso estava a namorar a Cohen. Depois a Gouvarinho aparece querendo falar com Carlos - acabam por discutir sobre a ausência de Carlos e depois terminam tudo.

Capítulo XIV

Afonso parte para Sta. Olávia e Carlos fica sozinho no Ramalhete, pois Ega parte para Sintra (e curiosamente os Cohen também). Maria Eduarda instala-se nos Olivais, e Carlos passa a frequentar a casa todos os dias, e eles pretendem fugir até outubro para Itália e casar lá, mas Carlos pensa no desgosto que dará ao avô (porém a sua felicidade supera). Descreve-se as idas de Carlos aos Olivais: os encontros com Maria Eduarda e as relações que tinham no quiosque japonês e também as noites que Carlos passa com ela, às escondidas. Acaba por alugar uma casa perto dos Olivais para ele ficar, enquanto não está com Maria na Toca (nome dado aos Olivais). Numa dessas noites, descobre Miss Sara enrolada no jardim da casa com o jornalista. Sente vontade de contar tudo a Maria Eduarda, mas, à medida que pensa no caso, decide não dizer nada.

Chega setembro. Craft, regressado de Sta. Olávia para o Hotel Central, diz a Carlos que pareceu-lhe estar o avô desgostoso por Carlos não ter aparecido por lá. Então, Carlos decide ir visitar Afonso, mas antes leva Maria a visitar o Ramallete (e Maria Eduarda refere que às vezes Carlos faz-lhe lembrar a sua mãe e conta-lhe a sua história - a mãe era da ilha da Madeira que casara com um austríaco e que tinha tido uma irmãzinha, que morrera em pequena).

Uma semana depois Carlos regressa de S.ta Olávia e fala com Ega que voltara de Sintra. Nessa noite, Castro Gomes aparece no Ramallete, com uma carta anónima que lhe tinham mandado para o Brasil, dizendo que a sua mulher tinha um amante, Carlos da Maia. Carlos fica estupefacto, e acaba por perceber que era a letra de Dâmaso. Depois, Castro Gomes conta-lhe que não é marido de Maria Eduarda, nem pai de Rosa, e que apenas vivia amigado com ela. Diz-lhe também que se vai embora, e que Maria Eduarda se chama Madame Mac Gren. Furioso pela mentira de Maria, Carlos decide ir confrontá-la. Ao entrar, sabe por Melanie, a criada, que o Castro Gomes já lá tinha estado. Maria Eduarda, a chorar, pede perdão a Carlos de não lho ter contado, pois tinha medo de que ele a abandonasse, e conta então a verdadeira história da sua vida. Depois de uma grande cena de choro, Carlos pede-a em casamento.

Capítulo XV

Na manhã seguinte, perguntam a Rosa se quer o Carlos como "papá", que fica toda feliz e aceita. Maria Eduarda conta toda a sua vida detalhadamente. Dias depois, Carlos conta tudo o que se passara a Ega que lhe diz que seria melhor esperar que o avô morresse para então se casar, pois, Afonso estava velho e débil e não aguentaria o desgosto.

Carlos e Maria Eduarda começam a dar jantares de amizade dados nos Olivais, e todos os amigos de Carlos se começam a familiarizar com ela. Mais tarde, Carlos descobre através do Ega, que um n.º da Corneta do Diabo o difama, denunciando o passado de Maria Eduarda e a sua relação com ela. Carlos passa-se e decide matar quem escreveu o artigo; descobre depois, com a ajuda de Ega, o editor do artigo, Palma, que o tinha feito a pedido de Dâmaso e Eusebiozinho, e Palma entrega-lhe as provas (tendo

isto um custo para Carlos claro). Carlos manda os seus padrinhos, Ega e Cruges, pedir a honra ou a vida a Dâmaso, que acaba por escrever uma carta de desculpas a Carlos, ditada por Ega, em que afirmava ser um bêbado. Satisfeito, Carlos entrega a carta a Ega agradece-lhe. Depois, Ega ao ver Dâmaso com Raquel e ainda o provocar por isso, decide publicar a carta no jornal e assim humilhar Dâmaso, que envergonhado parte para a Itália. Afonso regressa de Sta. Olávia, Carlos abandona a casa que alugara perto dos Olivais e Maria Eduarda volta para o apartamento da mãe de Cruges na Rua de S. Francisco, deixando a Toca.

Capítulo XVI

Carlos e Ega vão ao sarau da Trindade ouvir o Cruges e o Alencar, que nessa noite vão lá estar. Aí, ouvem o discurso de Rufino sobre a família real e Ega conhece Mr. Guimarães, o tio de Dâmaso que vivia em Paris e trabalhava no jornal, que lhe viera pedir explicações sobre a carta que Dâmaso escrevera, que lhe disse ter sido Ega a obrigá-lo a fazer. Ega e Guimarães acabam por resolver tudo e ficam amigos. Cruges toca, mas é um fiasco, pois ninguém lhe liga nenhuma. Depois, Carlos vê o Eusebiozinho e vai atrás dele e dá-lhe uns "abanões" e um pontapé devido á história da carta. Quando regressa ao sarau já Alencar começara a declamar o sue poema "Democracia" e a encantar a sala. Todos adoraram o que Tomás dissera acerca do estado da política em Portugal, um puro exemplo de realismo, o estilo que agora predominava. Mais tarde, quando Ega se ia embora, Guimarães aparece dizendo-lhe que tem um cofre da mãe de Carlos para entregar à família, que esta lhe tinha pedido antes de morrer. No meio da conversa, Ega descobre que Carlos tem uma irmã, e Guimarães diz tê-los visto aos três numa carruagem: Carlos, Ega e a irmã, Maria Eduarda. Depois, Guimarães conta a Ega o passado de M.^a Monforte inclusive a mentira que ela dissera a Maria Eduarda sobre o seu pai, e diz que Maria é filha de Pedro da Maia, pois ele era amigo da família e nessa altura já os visitava. Fala também da fuga da Monforte com Tancredo, da filha que eles tiveram e morreu em Londres, e depois, da vida de Maria Eduarda no convento, que ele próprio a visitara. Guimarães entrega o cofre a Ega, que chocado com a verdade, decide pedir ajuda a Vilaça para contar tudo a Carlos.

Capítulo XVII

Ega sem coragem para contar tudo a Carlos, procura Vilaça e conta-lhe tudo. Juntos, abrem o cofre da Monforte e acham lá uma carta dela para Maria Eduarda onde diz toda a verdade: ela é filha de Pedro da Maia. No dia seguinte, Vilaça e Ega contam a verdade a Carlos, que não acredita no que lhe contam, e aflito, procura o avô e conta-lhe tudo, com esperança de que este lhe desminta a história. Mas Afonso acaba por confirmar, e em segredo diz a Ega que sabe que Carlos tem um caso com Maria Eduarda. Apesar de já saber a verdade, nessa noite Carlos vai ter com Maria Eduarda; primeiro pensara em dizer-lhe tudo e depois fugir para Sta. Olávia, mas depois, incapaz, acaba por deixar-se levar por ela e ali ficar. Continuava a amá-la, e o facto de serem irmãos não mudava o que ele sentia.

Afonso da Maia sabe que Carlos continua a encontrar-se com Maria Eduarda, e fica desolado. Ega furioso com o comportamento de Carlos, confronta-o e ele decide partir no dia seguinte para os Olivais. No dia seguinte, Baptista (o seu criado) chama-o, dizendo a Carlos que o avô estava desmaiado no jardim. Carlos corre para lá e vê o avô morto (suponho ser trombose, visto que tinha um fio de sangue aos cantos da boca). Carlos fica triste, desolado, e culpa-se a si mesmo da morte do avô, pois achava que era pelo avô saber tudo que tinha morrido. Ega escreve um bilhete a informar Maria Eduarda do facto. Vilaça toma as providências para o funeral. Os amigos da família reúnem-se no velório e recordam Afonso e a juventude. Dá-se o enterro e Carlos parte para Sta. Olávia, pedindo a Ega para ir falar com Maria Eduarda e lhe contar tudo e dizer-lhe que parta para Paris, levando 500 libras. Ega fala com Maria Eduarda, que parte no dia seguinte para Paris, para sempre.

Capítulo XVIII

Passam-se semanas. Sai na "Gazeta Ilustrada" a notícia da partida de Carlos e Ega numa longa viagem pelo mundo: Londres, Nova York, China, Japão. Um ano e meio depois Ega regressa trazendo consigo a ideia de escrever um livro, "Jornadas da Ásia" e

contando que Carlos ficara em Paris, onde alugara um apartamento, pois não queria mais lembrar a Portugal.

Dez anos depois Carlos chega a Lisboa para matar saudades e almoça no Hotel Bragança com Ega, que lhe conta as novidades: que a sua mãe morrerá, que a Sra. Gouvarinho herdará uma fortuna. Aparece o Alencar e o Cruges, que falam desses anos que passaram: Alencar cuidava agora da sobrinha, pois a sua irmã morrerá e Cruges escrevera uma ópera cómica, a “Flor de Sevilha” que lhe valera o merecido reconhecimento; Craft mudara-se para Londres; O marquês de Souza morrerá; D. Diogo casara-se com a cozinheira; O general Sequeira fora morto; Taveira continuava o mesmo; e Steinbroken era agora ministro em Atenas. Depois, combinam um jantar e Ega e Carlos vão visitar o Ramalhete. Pelo caminho encontram o Dâmaso, que casara com a filha mais nova de um comerciante falido e que para além de ter de sustentar toda a família, a mulher traía-o. Aos poucos, Carlos toma consciência do novo Portugal que existe agora, anos passados. Vêm Charlie que passa por eles e Carlos vê que ele está um homem (Ega insinua que ele é maricas). Depois, encontram Eusébio, que fora obrigado a casar com uma mulher forte, pois o pai dela apanhara-os a namorar.

No Ramalhete, a maior parte das decorações (tapetes, faianças, estátuas) já tinham ou estavam a ser despachadas para Paris, onde Carlos vivia agora, e que lá se guardavam os móveis e outros objetos trazidos da Toca. Carlos relembra Maria Eduarda e conta a Ega que recebera uma carta dela. Ia casar com um tal de Mr. de Trelain, decisão tomada ao fim de muitos anos, e que tinha comprado uma quinta em Orleães, “Les Rosières”. Carlos encara este casamento de Maria Eduarda como um final, uma conclusão da sua história, era como se ela morresse, como se a Maria Eduarda deixasse de existir e passasse apenas a haver a Madame de Trelain. Passam pelo escritório de Afonso que lhes traz tristes recordações e depois, Ega e Carlos dizem que não vale a pena viver, pois a vida é uma treta. Por mais que tentemos lutar para mudá-la, não vale a pena o esforço, porque tudo são desilusões e poeira. Saem do Ramalhete e veem que estavam atrasados para o jantar e ao verem o coche ir-se embora, correm atrás dele...

Personagens

Pedro da Maia (Leonardo Vieira) – Filho único de Afonso da Maia. Um belo rapaz, criado num ambiente lúgubre, às voltas com a mãe, uma fervorosa beata, sempre doente, e educado pelo padre Vasques, que tratou de imbuir no seu espírito o temor a todas as coisas materiais e espirituais. Tornou-se nervoso, com pouco da raça e da força dos Maias, mais identificado com o temperamento soturno da mãe. Taciturno, melancólico e langoroso, nada puxou do pai Afonso. Aos poucos, surge nele um temperamento romântico, passional e mórbido – próprio dos românticos da época. Vai se apaixonar por Maria Monforte. É este sentimento violento que o levará, mais tarde, ao suicídio.



Figura 1 – Pedro da Maia

Maria Monforte (Simone Spoladore) – Primeira fase da história. A grande paixão de Pedro da Maia é uma menina impulsiva e excitadamente romântica, que gosta de ler novelas. Filha de Manuel Monforte, homem mal visto pela sociedade, Maria vê em Pedro não só um homem que possa lhe trazer o romance necessário à sua vida, mas também uma agenda social alegre, chique e agitada – afinal, ele pertence a uma família conceituada. Dá ao filho o nome de Carlos Eduardo por ter visto um personagem com este nome, um príncipe romanesco que enfrenta aventuras e desgraças, amores e façanhas, tão a seu gosto. Dona de um temperamento alegre, esfuziante, contagia todos a seu redor. Tem, porém, uma alegria coquete e superficial. Pelo próprio gênio impulsivo, está sempre em busca de novidades, de novas emoções, nada a contenta ou a satisfaz a longo prazo. Ao conhecer o italiano Tancredo, apaixona-se por ele e foge de

casa levando consigo a filha Maria Eduarda, deixando o primogênito Carlos com Pedro. Na segunda fase, ela volta para um acerto final de contas.



Figura 2 – Maria Monforte

Tancredo (Fábio Fulco) – O homem com quem Maria Monforte vai fugir, levando a filha Maria Eduarda, é napolitano, muito belo e formoso. “Era uma pintura de Nosso Senhor Jesus Cristo! Que pescoço, que brancura de mármore!” Entra na vida de Pedro e Maria após levar um tiro acidental de Pedro, que lhe atinge o braço durante uma caçada. Ao se hospedar na casa de Pedro, não tarda em se interessar por Maria, que se faz de difícil a princípio, mas não resiste à possibilidade da aventura. Sedutor, galante, extremamente carismático, conquista muitos corações e parte levando Maria Monforte consigo.



Figura 3 - Tancredo

Afonso da Maia (Walmor Chagas) – O patriarca da família Maia é pai de Pedro e avô de Carlos. É ele quem cria o neto após a morte do filho. Velho racionalista que, na juventude, foi um feroz jacobino. Optou pelo exílio voluntário com a família na Inglaterra e na Itália e voltou mais tarde a Portugal com Pedro já rapaz. É um homem rígido, de ideias firmes, liberal em suas convicções políticas, mas conservador quanto aos valores familiares. Contrário aos valores obtusamente religiosos e moralistas da Portugal de sua época, quer que Carlos “seja virtuoso pelo amor da virtude e honrado pelo amor da honra; mas não pelo engodo de ir para o Reino do Céu”. Após a morte de Pedro, cria Carlos seguindo a cartilha inglesa: deixa-o correr, cair, trepar às árvores, molhar-se, ao mesmo tempo em que é inflexível quanto à alimentação, aos banhos frios e ao horário de dormir. Ao envelhecer, torna-se mais calmo e generoso. É contra o envolvimento de Pedro com Maria Monforte, porque ela não é de boa família e, portanto, não deve ter boa índole. Será contrário também ao romance de Carlos com Maria Eduarda, temendo o mesmo fim que teve o filho Pedro.



Figura 4 – Afonso da Maia

Manuel Monforte (Stênio Garcia) – Pai de Maria Monforte, é um homem de passado nebuloso: comenta-se que ele matou um homem a facadas em uma briga, fugiu a bordo de um navio americano e terminou trabalhando como feitor numa plantação da Virgínia, nos Estados Unidos. Não se sabe bem o que é verdade e o que é folclore. O fato é que Manuel Monforte é um homem mantido à margem pela sociedade conservadora lisboeta. As insinuações sobre este passado são suficientes para que Afonso seja contra

o romance de Pedro com Maria. Manuel, porém, ao contrário da imagem truculenta que se faz a seu respeito, mostra-se sempre um homem calmo, que pouco aparece em público. Tem uma grande paixão pela filha, que considera a única coisa boa que fez na vida, e faz gosto do casamento dela com Pedro. Tenta aproximar-se de Afonso, ser íntimo daquela família nobre, mas, ao ser repellido, recolhe-se a seu canto, num temperamento humilde e resignado. É calado, pouco expressivo, com olhar vago e senil. Tudo isso aumenta o mistério sobre quem ele realmente é.

Maria Eduarda McGren (Ana Carolina Herquet / Ana Paula Arósio) – É a heroína da história, a paixão da vida de Carlos. Seu passado, sua origem, tudo é um mistério a ser pontuado no decorrer da trama. Chega a Portugal acompanhada do marido Castro Gomes e da filha Rosa. Muito bonita e atraente, cheia de inteligência, de gosto e de bondade, Maria Eduarda sofreu muito, mas não é estóica. Os maus bocados que passou na vida a tornaram mais madura, mais serena, o que não quer dizer que a tenham feito mais prática e realista. É sensível e sensata, dotada de muito caráter e muita fibra, mas também muito romântica. Não gosta de Castro Gomes, mas não consegue se separar dele por vários motivos: a pressão que ele exerce, o temor pelo destino da filha e até mesmo uma certa gratidão por ele tê-la ajudado em determinado momento de sua vida. Quando conhece Carlos e se apaixona por ele, hesita diante do novo e inebriante sentimento, mas acaba rendendo-se a ele.



Figura 5 – Maria Eduarda

Carlos da Maia (Samir Alves / Fábio Assunção) – Nasce na primeira fase e chega à segunda aos 25, 26 anos. É filho de Pedro da Maia e Maria Monforte. Após a fuga da

mãe e o suicídio do pai, é criado pelo avô Afonso, com desvelo e amor. O avô o cria sob métodos ingleses, deixando-o livre para brincar e sem a preocupação de fazê-lo decorar o ato de contrição ou temer a um Deus que irá sempre persegui-lo e castigá-lo pelos motivos mais ínfimos. Assim, Carlos torna-se um belo e impetuoso rapaz, sem doutrina e sem os propósitos tradicionais das famílias carolas lisboetas. Rapaz impetuoso, forte, viril, de intenso charme pessoal, vital e carismático. Puxou da mãe o gênio apaixonado, intenso, exacerbadamente romântico. Puxou do avô a rigidez de valores, a honra, o caráter. Do pobre pai, não puxou nada. É o grande herói da história. O gênio apaixonado, junto com a integridade e a fibra de caráter, o tornam um grande homem. Forma-se médico, tornando-se o primeiro doutor da família, imbuído de grande vontade de ser útil ao mundo, de deixar a sua marca. Mais tarde, apaixona-se por Maria Eduarda e vive com ela uma tempestuosa história de amor.



Figura 6 – Carlos da Maia

Joaquim Álvares de Castro Gomes (Paulo Betti) – Marido de Maria Eduarda e antagonista de Carlos, terceiro vértice do triângulo central da história. É um homem de espírito empreendedor: está sempre viajando, indo à Inglaterra, à França, à Espanha e também ao Brasil, realizando trabalhos no novo continente. Quando a história começa, ele está se mudando para Portugal com sua família. Tem um inequívoco afeto por Maria Eduarda e, quando sente a ameaça de perdê-la, lembra que a tirou da miséria, que lhe estendeu a mão no momento em que ela mais precisou. Mantém Maria Eduarda presa a ele através de chantagens emocionais, porém friamente calculadas: tudo em Castro Gomes é medido, polido, exato e preciso. O amor por Maria Eduarda não é maior que o apreço à sua própria honra e, ao descobrir o romance dela com Carlos, tratará de riscá-la de sua vida, mesmo amando-a. É um homem essencialmente racional e, apesar da aparente frieza e do cinismo cortante, não é propriamente mau; não chega, portanto, a ser um vilão.



Figura 7 - Joaquim Álvares de Castro Gomes

Rosa (Isabelle Drummond) – A filhinha de Maria Eduarda vive num mundo à parte, fantasioso, sempre conversando com a boneca Cricri e inventando mil histórias tendo a ela e a boneca como personagens. Menina terna, meiga e encantadora. Carlos é fascinado por ela e a mãe a trata com carinho e devoção. É um pequeno raio de luz a borboletear por ali, sempre trazendo algo de lúdico mesmo nos momentos de maior tensão.

Mulato Julião – Bonito e atraente, com aspeto tosco e rústico, é o “mulato da tipóia”, por quem Miss Sarah vai cair de amores. Homem de poucas palavras e mais ação, vai ter um caso estrondoso – embora secreto – com a inglesa pudica.

Gertrudes (Renata Soffredini) – A governanta dos Maias cuidou de Carlos desde pequeno, quando da partida de Maria Monforte.

Melanie (Marina Ballarin) – Rapariga magra e sardenta, é criada de Maria Eduarda. Confidente e amiga da patroa, a mademoiselle, está sempre a par de seus segredos.

Miss Sarah (Ruth Brennan) – A governanta na casa de Maria Eduarda é filha de um clergyman. Trazida por Castro Gomes e Maria Eduarda a Portugal, detestou o país: muito calor, maus cheiros por toda a parte, gente horrenda... Vive a se mostrar com uma “indefinida saudade dos verdes molhados da sua Inglaterra, e dos céus de névoa,

cinzentos e vagos”. O que ninguém suspeita é que a séria e recolhida Miss Sarah, sempre de preto e com as pestanas baixas de uma timidez virginal, sempre reclamando do calor e do povo português, chegando a intimidar Maria Eduarda com tamanho recato, trata-se, na verdade, de uma devassa, que se entrega a Teodorico e se rende à luxúria.

João da Ega (Selton Mello) – O melhor amigo de Carlos vai se formar em Direito, mas devagar, muito pausadamente – ora reprovado, ora perdendo o ano. Filho de uma beata que mora numa quinta ao pé de Celorico de Basto, Ega é o desgosto da mãe, sempre escandalizada com sua irreligião e suas facetas heréticas: “era considerado não só em Celorico, mas também na Academia, que ele espantava pela audácia e pelos ditos, como o maior ateu, o maior demagogo, que jamais aparecera nas sociedades humanas. Isto lisonjeava-o; por sistema exagerou o seu ódio à Divindade e a toda ordem social; queria o massacre das classes médias, o amor livre das ficções do matrimônio, a repartição de terras, o culto de Satanás. O esforço da inteligência neste sentido terminou por lhe influenciar as maneiras e a fisionomia. Desde a sua entrada na universidade, renovara as tradições da antiga boémia: trazia os rasgões da batida cosidos a linha branca; embebedava-se com carrascão; à noite, na ponte, com o braço erguido, atirava injúrias a Deus. E no fundo era muito sentimental, enleado sempre em amores por meninas de 15 anos, filhas de empregados, com quem às vezes ia passar a soirée, levando-lhes cartuchinhos de doces”. A sua imagem rebelde, portanto, é apenas uma fachada de seu nunca assumido romantismo. Vai se apaixonar por Raquel Cohen e sofrer muito com a não-correspondência. Será, também, ao longo da trama, o principal ombro de Carlos, o confidente, o amigo de todas as horas, solidário, firme, compreensivo. É bonita a amizade deles. Anárquico, estourado, divertido sem ser cômico, logo conquista a simpatia do avô de Carlos, Afonso, quando este vê em Ega um retrato seu quando jovem.

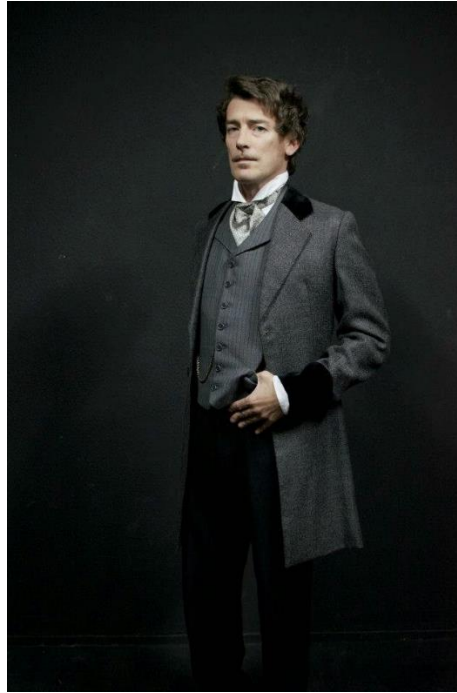


Figura 8 – João da Ega

Dâmaso Salcede (Otávio Müller) – Primo de Raquel Cohen. Ao conhecer Carlos, terá a este como seu ídolo e tentará imitá-lo em tudo: dos móveis vistos no Ramalhete aos romances com mulheres da alta roda da sociedade, passando pelos gostos, pelas relações e pelas opiniões. Se Carlos conta uma anedota, põe-se a rolar de rir; se Carlos aparece no teatro, levanta-se no meio da ária para ir se instalar em sua frisa; se Carlos entra no Grêmio, abandona imediatamente a partida para se juntar a seu ídolo. É um caso típico de obsessão: Carlos é o homem que ele gostaria de ser e não é. Jacta-se de ser o melhor amigo deste, de saber os seus segredos, embora Carlos não dê tanta importância assim à existência de Dâmaso. É uma figura reles, rasteira, pegajosa e com qualquer coisa de asquerosa. Fala muito sem dizer coisa alguma, não tem conteúdo, é medíocre e sem caráter. Gaba-se de suas conquistas amorosas, como se isso o tornasse mais digno diante de Carlos. Luta para conquistar Maria Eduarda para, assim, como o amigo, ter um romancechic com uma moça de categoria. Ao perder Maria Eduarda para Carlos, volta-se contra o idolatrado amigo, sentindo-se ferido no seu orgulho e na sua vaidade, mostrando o seu lado mesquinho e rancoroso. É, no entanto, covarde e dissimulado o suficiente para continuar tratando Carlos com amizade.

Viscondessa de Gafanha (Mila Moreira) – Entra na história como amante de Dâmaso. Diz-se que, quando nova, dormiu num leito real e que “augustos bigodes a

tinham lambuzado”. Tanta honra fascina Dâmaso, que se cola às suas saias com tamanha fidelidade que ela se vê obrigada a enxotá-lo à força e com desfeitas.

Vitorino Cruges (Ilya São Paulo) – Amigo de Carlos, pertencente à roda social deste, Ilya frequenta o Ramallete. É a imagem típica de um artista, menos cuidadoso com o visual do que os demais amigos. Tem vocação para a música, seu sonho é se tornar um afamado maestro, porém, indolente e acomodado, vai adiando indefinidamente seus projetos, sempre culpando a ignorância alheia pelo não-reconhecimento de sua inegável genialidade. É calado, reservado, quase inescrutável, embora possua um temperamento sobre-excitado. Rapaz de gênio instável, de humor imprevisível, que às vezes sobressalta os próprios amigos. Ora permanece a um canto modorrento e apático, sem ânimo para nada, ora é tomado por acessos súbitos que o levam a explodir em gritos pelos motivos mais banais. Extremamente tímido com mulheres, ataranta-se e emudece frente a elas e essa timidez o leva a atitudes tão falsamente naturais que se tornam ridículas, fazendo-o cair numa modorra monossilábica, quase fúnebre. Cruges acaba sendo uma figura cômica justamente pelo temor a sê-lo.

Tomás de Alencar (Osmar Prado) – Amigo de Pedro da Maia e mais tarde de Carlos, por quem nutre um carinho paternal, é um poeta tanto pelos versos que faz quanto pela maneira especial de entender a vida e o mundo. Quando reencontra Carlos, que conhecera quando criança, emociona-se a ponto de atirar-se nos braços deste, sem ter vergonha do ato patético. Homem sentimental, extremamente emotivo, de coração grande e pródigo em afeto, uma soberba encarnação do lirismo romântico. Tem horror literário ao naturalismo, ao qual se refere como “o excremento”. É também um patriota à antiga, que não admite ouvir falar mal de sua terra natal. Dono de uma voz cavernosa e lenta, é leal, impecavelmente honesto, bom, generoso e dotado de uma alta cortesia e de uma notável delicadeza de sentimentos. É estimado por todos. Tem uma paixão platônica por Raquel Cohen, a quem dedica poemas românticos, indignando-se ao saber que João da Ega é seu amante.

Domingos – Criado da casa de Craft, onde vão morar Carlos e Maria Eduarda. É discreto, bom e servil.

Taveira (Leonardo Medeiros) – Outro integrante da turma de Carlos, Taveira tem um ar aéreo e quase apatetado. É o mais fútil e reles da turma. Sempre dominado por

instintos eróticos e indiscriminados, vive envolvido com prostitutas de terceira categoria, mulheres casadas bonitas ou não, criadas, mulheres finas ou vulgares. Incapaz tanto de grandes maldades quanto de grandes bondades, é medíocre em pensamentos, atos e omissões. Sempre alheio a tudo o que se passa a seu redor, vive imerso em seus pequenos interesses.

Craft (Dan Filip Stulbach) – Também da roda de amigos de Carlos, Craft é inglês, filho de um clergyman da igreja inglesa do Porto. Recebeu herança de um tio e aproveitou a fortuna para viajar pelo mundo e colecionar obras de arte. Lutou como voluntário na Abissínia e em Marrocos. Os amigos lhe têm inveja e admiração. Um gentleman de maneiras graves e hábitos rijos, sentindo finamente e pensando com retidão. Uma clássica figura britânica – o que não o livra do bordão “très chic!” sempre que algo lhe agrada. Não desdenha nem despreza o sentimentalismo português. Ao contrário, estuda-o, ouvindo as histórias românticas dos amigos sem perder uma palavra, como quem se instrui; achando, por fim, tudo muito “curioso”.

Condessa de Gouvarinho (Eliane Giardini) – Esposa do conde de Gouvarinho, não se dá bem com o marido. Filha de um comerciante, casou-se por um acordo de famílias: ele daria a ela o título de condessa, enquanto o sogro lhe emprestaria dinheiro. Mulher passional, de temperamento inflamável, não foram poucas as vezes que quebrou copos e pratos em brigas com o marido. Ao se interessar por Carlos, deixa-se seduzir por ele – embora a iniciativa do primeiro encontro seja dela. Na verdade, o interesse dela não está em Carlos em si, mas nas delícias de um relacionamento proibido, no qual Carlos é apenas o objeto. Ao notar o desinteresse do amante, tentará segurá-lo com pieguices e chantagens sentimentais – o que termina por afastá-lo de vez. Após o fim do romance com Carlos, tentará a todo o custo reconquistá-lo. Ao ser definitivamente preterida por Maria Eduarda, vai fazer de tudo para separar e difamar o casal, passando a simular intimidade com Teodorico para fazer ciúmes em Carlos.

Conde de Gouvarinho (Otávio Augusto) – Devendo a Deus e ao mundo, ainda assim ostenta uma vida de luxo e fartura. Mantém sua frisa de assinatura, frequenta as soirées, as reuniões chics. O curioso é que todos sabem de sua situação, todos falam às suas costas e todos o tratam com deferência a sua frente – o que espelha bem os costumes da sociedade lisboeta de então. Na verdade, grande parte de seus

rendimentos vem do sogro, já que ele, apesar do título, pertence a uma família falida. Com a resistência progressiva e contínua do sogro a lhe proporcionar a boa vida de sempre, vai se afundando em dívidas, sem tolerar rebaixar o seu nível de vida. Arrogante, com um afetado ar aristocrático, não ama a mulher, nem se dá bem com ela: sempre a enxergou como um grande dote. Com a fonte de riquezas secando, a relação vai ficando insustentável.

Jacob Cohen (Cécil Thiré) – Amigo da roda de Carlos, não frequenta o Ramalhete justamente por não ser íntimo de Carlos. Judeu, marido de Raquel, é banqueiro e não ostenta a real fortuna que tem. Simpático, envolvente, bom de conversa, não tem o ar austero e aristocrático que se espera de um banqueiro. É, porém, oportunista, egoísta, capaz de vender a mãe e cobrar juros. Venderia a esposa para Ega se soubesse que ele dispõe de capital para comprá-la (capital que a mãe de Ega de fato possui, mas que jamais gastaria para tal fim).

Raquel Cohen (Maria Luísa Mendonça) – Belíssima judia, é a grande paixão de Ega. Esposa do judeu banqueiro Cohen, torna-se amante de Ega, mas logo rompe o relacionamento, por ser desmascarada pelo marido e levar uma surra deste. Apesar de bela, tem uma alma rasteira e superficial, é vaidosa e coquete, mantendo o romance com Ega apenas por entretenimento, sem jamais ter por ele qualquer sentimento mais profundo. Tais características farão com que ela se aproxime mais tarde do primo Dâmaso, de quem se tornará amiga e cúmplice em intrigas e fofocas.

Artur Corvelo (Rodrigo Penna) – Personagem criado por Eça na obra *A Capital*, Artur é um rapaz extremamente sentimental, emocional, instintivo, ingênuo e desprovido de malícia. Órfão criado por um padrinho numa cidade de província, seu maior sonho é promover sua carreira de autor teatral. Cheio de veleidades intelectuais, toma posse da herança do padrinho e vai para Lisboa por acreditar que somente lá encontrará vida inteligente em Portugal. Acaba deslumbrando-se com os cafés, as soirées, as conversas literárias e a atmosfera pretensamente intelectual e torna-se amigo de Eusebiozinho e Palma Cavalão. Seu talento como escritor é pífilo: Artur não possui densidade emocional, é um homem deslumbrado com as próprias emoções; acha-se profundo, mas é rasteiro. Sua carreira como autor teatral será um fiasco, e, possivelmente, com esta frustração, começa a amadurecer.

Eugênia Silveira (Jandira Martini) – Mãe de Teresinha e Eusebiozinho. Velha beata, muito temente a Deus, católica fervorosa. Em pontos de etiqueta e doutrina, é uma sumidade. Tem verdadeira paixão por Eusebiozinho, que é o seu orgulho, acredita que o menino vai ser uma grande figura, uma personalidade de destaque em todo o reino, pela sua inteligência e esperteza. Como toda mãe, é a última a reconhecer que o filho não corresponde às suas expectativas. Recusa-se a enxergar que o filho é um medíocre e a filha uma solteirona, e sempre culpa Carlos, o “herege”, por tudo de mal que lhe acontece.

Xavier (Walter Breda) – Pai de Teodorico, viúvo da sobrinha única de Patrocínio, foi, quando mais jovem, um boêmio, um belo homem, cortejador e alegre. Está tísico, debilitado por acessos incontroláveis de tosse, fraco e assolado pela miséria na qual cria o filho antes de que este seja adotado por Titi. Apesar disso, guarda ainda traços do passado, como o vocabulário afiado e espirituoso. Tem horror à velha Patrocínio, mas vive atrás dela tentando fazer com que esta garanta o sustento do filho, ciente de que não terá vida longa e temeroso pelo futuro do pequeno.

Eusebiozinho Silveira (Adriano Leonel / Felipe Martins) – Companheiro de infância de Carlos, que, quando criança, mostra grande paixão por livros e por coisas do saber. Menino molengão e tristonho, sempre agarrado às saias da mãe, tem um jeito de ser que irrita profundamente o vital e saudável Carlos, que o surpreende com brincadeiras mais violentas. É o contraponto de Carlos. Admirado por todos, prometendo um grande futuro como bacharel e depois desembargador, Eusebiozinho decepciona tornando-se um adulto sem vestígios de qualquer amor pelos livros. Ao se tornar viúvo muito jovem, anda sempre macambúzio. Quem vê sua aparência lúgubre, não imagina que Eusebiozinho possui um surpreendente lado sensual: tem um fraco por espanholas, vive tomado de paixões súbitas e é frequentador de lupanares, “para onde vai tão morosa e soturnamente quanto para sua própria sepultura”. Homem de duas faces, é um sujeito reles e rasteiro, sempre patinando na superfície, seja nas reuniões do Ramalhete ou nos lupanares. Amigo de Teodorico, frequenta a casa de Titi Patrocínio das Neves, onde passa por grande devoto.

Teresinha Silveira (Maria Isabel Quinhões / Rita Elmor) – A namoradinha de Carlos na infância é uma rapariguinha delicada, magra e viva. Os dois se prometeram

um ao outro e fizeram planos de casamento. Carlos, porém, viajou, estudou fora, conheceu outras pessoas e outros ambientes. Ao voltar, reencontrou Teresinha esperando-o.: ela passara todo esse tempo preparando o enxoval, fazendo planos, certa do compromisso. Mas, ao revê-la, Carlos percebe que ela não é mais aquilo que ele quer para si. Teresinha tornou-se uma menina carola como a mãe, cheia de pudores e recatos, exigindo o cumprimento do compromisso. Carlos delicadamente se desvencilha e, rejeitada, Teresinha hesita entre se tornar freira ou arranjar outro noivo. Frequenta o círculo de Patrocínio das Neves.

Teodorico (Matheus Nachtergaele) – Órfão¹, foi entregue muito pequeno aos cuidados da tia Patrocínio das Neves, uma senhora extremamente carola e severa. Teodorico, contudo, está longe de seguir o caminho religioso da tia. Dono de temperamento fortemente sensual, é farrista, gosta de lupanares, de bebedeiras e de qualquer tipo de vício. É, porém, sonso e dissimulado o suficiente para ocultar essa face da sua Titi. Não é um jovem rebelde: nem passa por sua cabeça questionar os valores da tia. O que realmente quer é que ela acredite que ele é um santo, para receber como herança toda a fortuna de Titi. É um boêmio mau-caráter, de maldade infantil e livre de qualquer maquiavelismo. É ingênuo² e crédulo o suficiente para acreditar que a interesseira Lola o ama. O lado puro, apesar do caráter duvidoso, fará com que Teodorico seja simpático – mesmo quando tenta “apressar” a morte da Titi. Sua trajetória na trama é sempre cômica.

Patrocínio das Neves (Myrian Muniz) – Tia de Teodorico, Titi vai criá-lo depois que ele fica órfão. Mulher severa e carola, absolutamente fanática, dona de uma personalidade fortíssima, Titi é uma religiosa fervorosa que faz sua palavra ter o efeito de uma lei. Louva a Deus sobre tudo e todas as coisas, sente total asco e repulsa pelo sexo, considerado “uma imundície”. Por isso, mantém-se tão imaculada quanto a própria Virgem Maria. Implacável e inflexível, não admite qualquer contrariedade. Ameaça constantemente Teodorico de colocá-lo para fora de casa caso ele olhe para as mulheres, sem desconfiar que o sobrinho é o maior dos libertinos.

¹ Órfão: pessoa que perdeu pelo menos um dos pais.

² Ingênuo: pessoa inocente, sincera e simples.

Vicência (Thelma Reston) – Empregada idosa e fiel de Patrocínio das Neves, extremamente rude, porém afetiva, é a “verdadeira” mãe que Teodorico teve na vida.

D. Diogo Coutinho (Carlos Alberto) – Amigo de Afonso, com quem joga intermináveis partidas de whist, este velho dândi foi, em sua juventude, um homem muito belo, a quem as damas de outras eras chamavam de “Lindo Diogo”, gentil toureiro que dormira em leito real. Morre de saudades de sua juventude, de sua beleza e de seu passado. Não fica recordando ou contando histórias de sua mocidade: suas saudades se manifestam quando vê os mais jovens.

Maria da Cunha (Eva Wilma) – Amiga de Afonso, Maria da Cunha é engraçada, ainda bonita, toda bondade, cheia de simpatia por todos os pecados. Faladora, desinibida, irreverente, simpática e agradável, todos a querem bem. Apesar de sua conduta ao longo da vida não ter sido exemplar, não há quem lance um “aí” contra sua honra. Há quem diga que houve um romance entre ela e Afonso na juventude. Tem uma graciosidade, simpatia e elegância que Raquel Cohen e a condessa de Gouvarinho, juntas, não chegam a ter. Leve, descomplicada, alto astral, amiga leal, é incapaz de julgar a quem quer que seja. É cúmplice do romance de Raquel e Ega.

Padre Vasques (Sérgio Viotti) – Responsável pela educação de Pedro da Maia, servirá de embaixador de Pedro junto a Afonso para que este aceite seu casamento com Maria Monforte. Ainda na primeira fase, o vemos como confessor de Titi Patrocínio das Neves e habituê da casa. É ele que convence Titi a adotar Teodorico e a enviá-lo para o seminário e o curso de Teologia. Mais tarde, será ele também que o aconselhará a mandá-lo para a Terra Santa. Figura obesa, gluttona e limitada, representante de um catolicismo ortodoxo e extremamente obtuso. É para ele que Titi deixa a maior parte de sua fortuna.

Manuel Vilaça (Ewerton de Castro) – Administrador e procurador dos Maias, ligado afetivamente à família, envolve-se nos conflitos familiares, comovendo-se, alegrando-se e sofrendo junto com Afonso. Obediente, leal, dedicado e discreto, é mais emocional que Afonso. Afonso e Carlos também têm por ele uma grande estima, como se fosse da família. Tem grande devoção aos Maias.

Abade Custódio (José Lewgoy) – Frequenta a quinta de Santa Olávia. Abade tradicional, muito culto, cheio de saber, pouco flexível em relação a opiniões diferentes das suas, mas pouco firme para defendê-las, principalmente diante de Afonso. Não se conforma com a educação à inglesa que Carlos recebe e tenta, sem sucesso, levar o menino e o avô para o caminho tradicional do catolicismo português.

Palma Cavalão (António Calloni) – Pertence à roda de amigos de Eusebiozinho e Teodorico. Apesar do aspeto bruto, ordinário e quase repulsivo, alegra as rodas boêmias com sua lábia e sua afetada simpatia. Desta forma, transforma-se, mais tarde, numa espécie de ídolo para Artur. Não é, porém, um boêmio gracejador e leve; é um homem tosco e rude no trato, principalmente com as mulheres. Dono de um pequeno jornal sensacionalista, através do qual vai complicar a vida de alguns personagens, é oportunista, espertalhão e está sempre pronto a passar a perna em quem quer que seja para tirar proveito. É, porém, melífluo e ladino o suficiente para que seus interesses nunca venham à tona imediatamente.

Cel. Sequeira (Yvan Mesquita) – Amigo de Afonso, frequentador do Ramalhete, é um homem bonachão, de significativa presença, simpático, cativante. Tem o mesmo raciocínio prático, liberal e avesso a romantismos de Afonso. É, entretanto, mais flexível, e, às vezes, ameniza os conflitos entre o amigo e seu filho Pedro. Homem firme, porém, gentil e generoso, dono de um coração de ouro, trata-se de um alguém que cativa primeiro pelo bom humor, depois pela cultura e a integridade de posturas e pensamentos.

Maria da Gama (Ariclê Perez) – Pertencente à fina sociedade lisboeta, é amiga próxima de Maria da Cunha. Sempre elegantíssima e aprumadíssima, é muito orgulhosa de si mesma. Tem um modo característico de olhar as pessoas de cima a baixo, sempre desdenhando dos que não têm sua altura social. Tem aversão, por exemplo, aos Monforte.

Teles da Gama – Marido de Maria da Gama e padrinho de Pedro da Maia, é um homem apagado, calado, submisso, que pouco se destaca e nada fala diante da esposa. Vive ofuscado pela verborragia da esposa, pelo excesso de gestos, palavras e opiniões desta.

Baptista (Helio Ary) – É criado de quarto de Carlos desde que o menino tinha onze anos. É seu confidente e tem um ar excessivamente gentleman. Conserva-se tão fino e tão desembaraçado como quando em Londres aprendeu a valsar na balbúrdia dos salões dançantes.

Brown (Philip Croskin) – Primeira fase da história. É o preceptor inglês contratado por Afonso para cuidar de Carlos. Segue a cartilha liberal sob a qual Afonso pretende educar o neto. Dá prioridade à força e aos músculos, deixando as aulas de latim para depois. Apesar do aspeto um tanto abrutalhado, Brown é boa pessoa, calado e asseado. Cioso de sua origem e cultura, lê o Times, leva a longa sobrecasaca militar abotoada e suas atitudes tipicamente inglesas atordoam os demais.

D. Joana Coutinho (Jacqueline Dalabona) – Mulher da alta sociedade lisboeta, muito chique e elegante, de forte presença, carismática e de intenso charme pessoal. Casada com um homem bem mais velho e apagado, anda sempre cercada de jovens, belas e desconhecidas mulheres, suas “amigas”. Seu salão literário é disputado por nove entre dez literatos da sociedade.

Amélia (Jussara Freire) – Prostituta, é vizinha de Xavier, companheira no mundo miserável e ordinário em que vivem. Bonita quando jovem, tem um triste aspeto de abandono e deterioração, comum ao universo miserável em que vive. Guarda traços da antiga beleza, principalmente no olhar. Tem a ternura e a indulgência típicas das prostitutas de bom coração em fim de carreira. Cuida de Xavier em suas crises de tosse e sempre que pode cuida também de Teodorico. Casa-se com um homem respeitável (Gino Santos) e deixa o cortiço.

Ana (Francisca Queiroz) – Moça bonita, humilde, com um ar lânguido e melancólico, será a primeira amante de Carlos, em Coimbra. Casada, com um filho, não gosta do marido, sente-se entediada e é isso que a impelirá a ter um romance com Carlos que, para ela, é um herói, um homem acima dos outros.

Monsieur Théodore (Gilles Gwizdek) – Cozinheiro francês de Afonso da Maia, tem sempre discussões acaloradas com o inglês Brown sobre a França e a Inglaterra.

Encarnación (Maria Clara Fernandes) – A segunda amante de Carlos em Coimbra é uma espanhola de vida airada, longos cabelos anelados, sotaque acentuado,

sensualíssima, envolvente e apaixonante. Encantará a todos os amigos de Carlos, com quem não fica muito tempo.

Lola (Giselle Itié) – espanhola bonita e ardilosa, é amante de Teodorico, mas o engana com sua verdadeira paixão, o jovem fadista Adelino. Ela engana Teodorico dizendo que o ama, na esperança de se beneficiar com uma parte da herança que ele espera receber de Patrocínio das Neves.

Adelino (Bruno Garcia) – Fadista e rufião, é belo, boêmio, histriônico e cafajeste. Amante de Lola, faz-se passar por seu irmão epilético para poder se instalar com ela na casa de campo que Teodorico aluga para ser seu ninho de amor. Mais tarde, fará chantagens com Teodorico, ameaçando contar à Titi o que sabe sobre ele.

Síntese personagens e espaços

Tabela 1 - Resumo personagens e espaços

Personagens Principais	Afonso da Maia	Carlos da maia	Maria Eduarda	João da Ega
Espaços	Ramalhete	Toca	Hotel	Consultório

Fonte: Livro 11º ano – “Mensagens”